



O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

AUMENTA A EXPLOIRAÇÃO

Exijamos novos salários

O aumento de salários obtido como consequência da nossa luta, poucos benefícios trouxe para a classe. Esse aumento não teve em conta o crescente custo da vida, o esforço que despendemos com a automatização e ignorou completamente as necessidades mais elementares da nossa vida: comer, vestir e calçar.

Partindo do salário base de 1958, os aumentos foram, na grande maioria, dos casos, ridículos. O que significam mais \$40, \$60 ou mesmo \$100 ou 2\$00 diários, em face do aumento constante dos preços dos géneros, da roupa, dos transportes, de tudo o que compramos?

No novo Contrato Colectivo, que a classe não discutiu, o preço das empreitadas não só não foi considerado como não sofreu qualquer aumento. Ora é o trabalho de empreitada que domina na indústria têxtil.

O patronato, que instalou nas principais empresas teares automáticos, e nos forçou a um maior rendimento de trabalho, baixou a tabela dos preços das empreitadas. Deste modo ele arranca aos nossos salários de miséria novos lucros, favorecido pela protecção do governo e do I.N.T.. Foi o que sucedeu às operárias da secção de tecidos estampados da CUF, que viram baixar em 50\$00 o salário semanal, às operárias da fábrica Lionesa, que ganhavam \$67 por metro de seda e agora recebem apenas \$30, e com os operários de muitas outras empresas.

Impõe-se que a elaboração de novas tabelas das empreitadas seja determinada, pelo consentimento dos operários e não pelo acordo entre os patrões e os lacaios destes, que se encontram à frente do sin-

dicato.

A nossa luta por novos aumentos de salários tem de continuar. O presente contrato está muito longe de satisfazer a classe.

Os têxteis já conhecem o caminho da luta pela defesa dos seus interesses. É por ele que temos que seguir para arrancar aos nossos exploradores e opressores o pão que nos falta, o direito à vida que continuam a negar-nos.

Junto do Sindicato e da empresa organizemos novas e poderosas concentrações

ABAIXO A REPRESSÃO FASCISTA

Dezenas de operários foram presos em Guimarães. O bando de assassinos da PIDE sequeu-nos e os seus dois ou três trabalhadores que lutam por melhores condições, por melhores e condições de vida. Muitos foram violentamente presos e levados a um hospital militar, onde se deu início a um processo de tortura da vida e da liberdade.

Entre os prisioneiros na prisão de M.ª SENA LOPES, destacamos com especial destaque que a polícia procurava há um tempo a M.ª SENA LOPES, foi submetida a uma tortura da privação de sono, que acabou por ser abolido, sendo requerer cuidados médicos especiais.

Nos Frios de Coxalis de Peniche, há muitos presos prisioneiros da PIDE na Penha da Moura, os presos políticos são vítimas de novas violências, sob os ordens do Director da PIDE, o fuzileiro Honorário da Marinha, Sr. Coxalis, os presos estão sem visitas, de Guimarães de Janeiro, Mujos de Janeiro, os policiais FRANCISCO M.ª GUELL, que está na prisão há mais de 20 anos da prisão, CAMILO ABONIN GUELL, e os seus familiares. A cada vários dias de se ler e uma reunião por dia.

Os presos de Coxalis não podem receber alimentos de suas famílias nem visitas e não podem sair do país. Os doentes estão privados da dieta que lhes foi prescrita pelo médico.

Em Lisboa, os assassinos da PIDE sequestraram a família de um operário e o pancamento os transportes da CUF, a operária Maria Albertina Diogo, e o seu marido Fernando Pavia, foram presos em outros prisioneiros.

Na prática os doentes estão privados de tratamento médico.

(continua na pág. 2)

AJUDEMOS A LUTA dos povos das colónias

O povo de Angola levanta-se para pôr fim à escravidão. O governo de Salazar respondeu do modo mais brutal às legítimas aspirações dos patriotas angolanos à independência e à liberdade. Centenas de africanos foram abatidos a tiro, muitos mais se encontram presos sujeitos a selváticas torturas. O terror instalou-se em todo o território de Angola.

Portugal está ameaçado de suportar uma colonial guerra com o sacrifício de milhares de vidas de jovens soldados e das populações africanas.

Os salazaristas querem ligar a classe têxtil às suas loucas aventuras coloniais, procurando confundir os nossos interesses com os rendosos negócios das companhias algodoeiras que forçam os trabalhadores africanos a abandonar as suas culturas para semearem o algodão nas terras dessas grandes companhias, permitindo-lhes lucros de 300 por cento e mais.

São a C.ª ALGODOEIRA DE ANGOLA, a C.ª ALGODOEIRA DE MOÇAMBIQUE, a C.ª ALGODOEIRA DO SUL DO SAVE e muitas outras, que necessitam de manter a escravatura em África, apoiada nas forças militares de Salazar e no seu aparelho de Estado.

A independência das colónias não privará a indústria têxtil, do algodão, como eles nos querem fazer crer.

Mas por fim ao domínio dos grandes capitalistas, aos seus lucros fabulosos, ao roubo e ao saque das riquezas desses territórios, à miséria, ao atraso, à desumana exploração de que são vítimas as populações africanas.

Os exploradores e opressores dos trabalhadores de Angola são os mesmos que nos oprimem e exploram. O nosso dever é apoiar os povos africanos na sua justa luta pela independência. Eles são nossos aliados na luta contra o governo de Salazar e os grandes capitalistas.

UM ESCÂNDALO na Fonseca

O filho do industrial Fonseca Carvalho, é um explorador e um patife de alto quilate. Casado há pouco não teve escrúpulos em seduzir uma jovem operária da sua empresa, levando-a a separar-se do homem com quem vivia, trabalhador da mesma fábrica e de quem tem um filho de tenra idade.

Para saciar os vícios da sua amaleseca sensualidade instalou-a numa moradia, como sua amante e cercou-a de luxo e de conforto, gastando para esse fim o dinheiro que rouba aos operários.

A troco de uma elevada quantia pretendeu arrancar a criança ao convívio do pai, para a levar para a companhia da amante. Este é um exemplo da moral capitalista. As filhas da classe operária são simples instrumentos de prazer de miseráveis sem escrúpulos, que depois as abandonam, levando-as a cair na pior das degradações.

capital bancário na indústria têxtil

Os grandes bancos dominam hoje a vida económica do país, sob o governo de Salazar. Eles estendem os seus tentáculos sugadores sobre a indústria têxtil, participando activamente nas principais empresas.

O BANCO BORGES & IRMÃO, que em 1960 teve 17 mil 486 contos de lucro, é um dos grandes accionistas da Cª de Fiação e Tecidos de Guimarães, da Cª de Fiação e Tecidos de Fafe da Cª Fabril do Norte (Fábrica de Senhora da Hora), que por sua vez possui a Fábrica de Fiação e Tecidos de Soure, a Cª FABRIL DO NORTE tem participação na Fábrica de Sedos Nogueira, na União Industrial Algodoeira de Moçambique, da Algodoeira Colonial, Sociedade Algodoeira do Fomento Colonial, Fábrica de Tecidos Aliança, Fábrica Aresoa, Fábrica de Tecidos de Ermeziende, Cª Fábrica de Salgueiros, Estamparia de Braço de Prata.

Isto quer dizer que os banqueiros Conde da Covilhã, Daniel Barros, ex-

Na fábrica de TECIDOS DE S. MIGUEL, o patrão refina as formas de exploração. Da mão teia aos operários, obriga-os a trabalhar com teares que não são os seus, diminuindo assim o rendimento de trabalho. Paga-lhes depois á peça, mas para a Caixa de previdência faz o desconto por dias. Por este facto os salários dos trabalhadores são ainda mais baixos do que o costume. Deque resulta que operários que trabalham toda a semana recebem, apenas, 3 dias de salário.

Nas fábricas dos PIMENTA MACHADO e do JOSÉ TORCATO RIBEIRO continuam em atraso os pagamentos do abono de família. As firmas estão a negociar com o dinheiro dos operários.

Uma firma de POVOA DO LANCHOSO ainda por cima castiga os operários que vão reclamar o abono de família.

As ilegalidades cometidas pela SOCIEDADE PIMENTA MACHADO são de tal ordem que ul-

trapassem as próprias leis que foram feitas para defenderem os interesses do grande patronato.

No Tribunal de Trabalho estão arquivados 40 processos contra esta firma. Entre eles figura o do antigo chefe de escritório Joaquim da Silva Guimarães que foi despedido sem razão Justificada, após 22 anos de trabalho nesta empresa.

Na Cª DE FIAÇÃO E TECIDOS o fiscal Malaquias continua a dar que falar. Os operários têm de esperar perto de duas horas que este laçao de patronato lhes pague a fêria ao fim da semana.

Esta e outras violências precisam de ser desma-caradas. Enviamos ao presidente da República, ao Ministro do Interior, aos Governadores Civis, às autoridades religiosas, abaixo-assinados, cartas e postais, protestando contra estes métodos desumanos.

Exijamos uma ampla Amnistia para os presos e perseguidos políticos! Que cessem os métodos assassinos da PIDE! Que se abram as portas das prisões! Que regressem a Portugal os exilados políticos!

Notícias de Guimarães

(continuação da pág.ª 1.)

A vida de Francisco Mignel, e de Cândida Ventura, Maria da Piedade Gomes dos Santos, Maria Ângela, Luíza e Aida Paulo, Maria Luíza Costa Dias Soares e de outros patriotas corre perigo, pois encontram-se gravemente enfermas e carecem de assistência medica.

Estas e outras violências precisam de ser desma-caradas.

Enviamos ao presidente da República, ao Ministro do Interior, aos Governadores Civis, às autoridades religiosas, abaixo-assinados, cartas e postais, protestando contra estes métodos desumanos.

Exijamos uma ampla Amnistia para os presos e perseguidos políticos! Que cessem os métodos assassinos da PIDE! Que se abram as portas das prisões! Que regressem a Portugal os exilados políticos!

RUBRÍCAS PARA «O TÊXTIL»

Contra a automatização que	
que gera o desemprego . . .	15000
Leitor têxtil	5000
Libertário	1500
Liberto	1500
Novas amigas do têxtil	7250
Os que lutam pela liberdade	5000
Pela queda do fascismo	15000
Pilar	1500
Peixe V	2500
Piroga	2500
Tintureiro Democrata	2500
Um tearão	2500
"	1500
Unidade têxtil	3500
1 dos irmãos da luta	5000
1 grupo de traba. liberais	16500
TOTAL	71500

EXIJAMOS ELEIÇÕES NO SINDICATO DO PORTO

Como é do conhecimento da classe, a Direcção que se encontra à frente do «nosso» Sindicato é ainda aquela que lá se instalou há uma boa dúzia de anos, mercê de falsas eleições.

E se lá se mantêm não é por nossa vontade nem porque tenha trabalhado para que os salários de fome que nos pagam sejam aumentados. Pelo contrário, sabe-se até que, quando da última reunião do patronato com o ministro das Corporações, em Setembro do ano passado, o presidente que tem um rico automóvel e parece que sócio-gerente duma fábrica do ramo, tomou a defesa dos interesses do patronato dizendo que eles não podiam dar grandes aumentos.

Os actuais dirigentes estão no

CONTRA OS INSULTOS E OS CASTIGOS

Na C^a FIAÇÃO do PORTO uma operária foi despedida por não ter assinado um documento em que se dizia que ela tinha recebido as horas extraordinárias, pagas a dobrar, o que não era verdade. A uma operária que, por motivo de doença, requereu as férias a que tem direito, foi-lhes recusada a jorna que durante esse período é paga ao pessoal. Só após reclamações e protestos conseguiu que o engenheiro Hlido, que é um carrasco dos operários, atendesse o seu pedido, tanto mais que se encontrava doente.

NA SOCIEDADE PORTUENSE DE ALGODÕES L. d^a foi castigado com um dia, um rapaz que trabalha com uma máquina de atar, porque deixou cair uma peça, que se partiu.

Os operários são frequentemente castigados, com multas nunca inferiores a 10\$00. Por esta razão levam para casa férias de 100\$00, 110\$00 e nenhum passa de 150\$00.

Nesta fábrica o refeitório foi ocupado com máquinas. Em sua substituição deram aos operários um barraco sujo, frio e desconfortável, onde punham lenha. O pessoal só para lá vai quando chove. Nos outros dias come cá fora, pelos cantos e valetas.

Sindicato, para receberem as cotas dos 30 e tal mil sócios. Não foram ainda expulsos porque, sempre que se têm feito «eleições», cometem as maiores burlas e roubalheiras. E, pelo que se está vendo, parece que não querem fazer mais eleições. As últimas deviam realizar-se em Fevereiro do ano passado. Um ano depois, nem fizeram eleições nem apresentaram as contas aos sócios para que estes saibam que destino deram às centenas de cotas que arrecadaram das contas que forçadamente para lá temos que pagar.

Talvez o mestre Carneiro, que é tesoureiro há muitos anos no sindicato e há tempo se estabeleceu com uma fábrica de tecidos ali para os lados de campanha, possa dar-nos a explicação.

Companheiros! Temos que pôr fim a semelhante estado de coisas.

Exijamos que se realizem rapidamente eleições honestas. Que nos sejam apresentadas as contas do dinheiro que não pagámos.

Um operário têxtil.

ECOS DA SERRA DA FÁBICA

Isto chama-se um abuso. Um abuso do patrão da firma MOURA & BATISTA em face de um pedido de 3 dos seus operários que acabavam de cumprir o serviço militar. Logo que se apresentaram ao trabalho, dirigiram-se ao patrão, para gozarem as chamadas férias graciosas. Este respondeu amavelmente que antes de mais nada precisavam dos teares a andar, que lá para diante lhes daria as férias. Os três operários aguardaram que no último turno as pudessem gozar. Mas ao contrário do que esperavam foi-lhes transmitido pelo mestre, que não teriam férias. A diligência que fizeram junto do patrão provocou a cólera deste. Contando com o apoio do delegado do INT, pretendem recusar-lhes as férias. Mas os três operários baseando-se na cláusula 49 do Contrato Colectivo de Trabalho obriga um-no a conceder-lhes esta regalia, a que tinham direito, por lei.

É bem verdade que pela firmeza e a luta conseguimos succèsos.

Ecos da exploração na fábrica do Mindelo

Para esta empresa a ameaça de despedimentos. Os patrões vão dentro de algum tempo introduzir novos máquinas para aumentar a produção. Isto significa o desemprego para muitos operários e operárias, com os horrores da miséria que uma tal situação provoca. Os que ficarem serão obrigados a trabalhar mais, segundo os novos ritmos da produção.

É, em especial, na secção de fiação que os perspectives se apresentam mais graves com a introdução das modernas maquinas automáticas.

Nas secções de cortinas os chefes lê estudam processos de melhor exploração ao pessoal, para que esses processos sejam depois aplicados nas outras secções.

Na casa do pano, as férias da revista têm de realizar a sua fábica com tempo marcado, impossível de cumprir na maioria dos casos. Por esse facto as operárias são constantemente castigadas e se o não são mais, é porque fazem muita falta.

Os castigos são constantes nesta empresa. Por tudo e por nada se castigam. O mestre de algumas secções da fiação, Jorge Ribeiro, castigou 10 mulheres e 3 homens. Uma das operárias foi castigada porque nesse dia estava a chover e ela guardou as bolinas debaixo de um cofim. As outras por seremem algumas peças de roupa. Um operário sofreu um castigo por ter a guarda-chuva escandido sem legal que não agradou ao mestre. Outro por

ter respondido a um apollador, chamado Quintas.

As mulheres são constantemente encolalhadas na sua honra, pelos mestres e outro pessoal superior da empresa, que se lhes dirigem em termos grosseiros, e para não dizer infames. Destaca-se neste comportamento indigno o filho do mestre Pinto, o Justino, protegido do gerente José Paiva.

Além do lucro que damos aos patrões, através do trabalho que realizámos, estes ainda nos roubam com a negação do fornecimento de fatos e de botas para o pessoal. Utilizando tecidos de fraca qualidade, que não têm venda normal, mandam fazer para os operários e operárias várias centenas dessas peças de vestuário, que são semanalmente pagas à razão de 6500 por pistola, descontados directamente da jorna.

Operários e operárias do Mindelo somos perto de 400. Este grande número de operários, explorados, oprimidos, encolalhados, maltratados e ainda sujeitos a os palavrões indecentes e vergonhosos tem de lutar e unir-se para que a sua vida melhore.

A nossa situação tem de acabar. Devemos falar uns com os outros, para que unidos protestemos junto da gerência e do sindicato contra os castigos e os abusos, e exijamos melhores salários e um tratamento correcto.

Operários e operárias têxteis do Mindelo Unidos somos uma grande força.

UMA HISTÓRIA DO «BATATEIRO»

O engenheiro da FÁBRICA FONCAR, a quem os operários chamam o «Batata», passou pela secção de veld e viu na parede a palavra Tyrelde, que é o nome de um tecido. Indignado passou a palavra para um papel. Percorreu depois as secções e obrigou os operários a escrevê-la, para descobrir o autor de tamanho «desaforo». Não teve dificuldades em conseguí-lo. O operário foi despedido. Terá o «Batata» pensado que era uma palavra subversiva ou o grito de independência dos operários? Não sabemos. O «Batata» não se explica. Será ele tão zeloso pelos interesses do patrão que imaginou que o operário estava fazendo concorrência aos produtos da fábrica? Instado pelo operário o «Batata» reconsiderou. Oito dias depois aquela volta à fábrica. Tudo isto por causa do Tyrelene! Ah, Batata! Valha-te um burro aos coices!

RÉCTIFICAÇÃO

No artigo «A Providência e os 25 por cento», publicado no nº 30 de «O Têxtil», onde se diz que os serviços médico-sociais apenas gastaram 39.241 contos, deve acrescentar-se que os gastos foram para medicamentos, tratamentos e elementos auxiliares de diagnóstico, pois o total de gastos foi de 144.295 contos. Isto é, com mais de 1 milhão de pessoas gastou-se menos 9 vezes do que foi desviado das C.P. para o 2º plano de fomento.

FORMAS DE EXPLORAÇÃO NA PONTE DA PEDRA

Na fábrica da PONTE DA PEDRA, no PORTO, o pessoal está a trabalhar com 13 teares automáticos. Para quebrar o espírito de luta dos operários e levarem estes a aceitar e desenvolver os novos ritmos da produção, os patrões estabeleceram o trabalho a prémio. Assim pagam mais 500.000 aos homens e mulheres que durante 4 meses apresentem trabalho mais perfeito e com melhor rendimento da produção.

Os operários que recebem estes prémios são olhados como informadores dos patrões. Na realidade o pessoal ainda não compreendeu as

ASPECTOS DO AUMENTO DOS 20 POR CENTO

Na FÁBRICA DE ACABAMENTOS «A INVENCIVEL», da CORUJEIRA o patrão estava a pagar mais alguns escudos aos operários, para além do salário estipulado pelo contrato de 1952. Mas com o novo contrato colectivo a maior parte dos operários não tiveram aumento e outros ainda passaram a ganhar menos.

Na FÁBRICA SALGUEIROS do PORTO as tecedeiras de um turno que trabalha com teares automáticos ganhavam 26\$50. Vieram os aumentos, como se nada se tivesse passado. As tecedeiras reclamaram. Quatro delas foram despedidas, mas os patrões viram-se for-

çados a aumentar os salários para 30\$00.

O industrial Fonseca Carvalho, ao ter conhecimento de que os operários iam ser aumentados, tratou de baixar os preços das tabelas da obra, na tecelagem, ao pessoal que trabalha de empreitada, para com esse dinheiro pagar aos operários que estavam a receber salários do contrato de 1952.

O pessoal protestou, mas sem resultado. Por quê? porque a sua unidade e o seu espírito de luta não foram suficientemente fortes para levar este explorador a pagar aos operários o salário que lhes é devido.

Notícias das empresas

Na empresa Multicolor, no Porto, os encarregados castigam os operários por tudo e por nada. Há semanas em que mais de 20 operários, ao receberem a fêria, a vêm diminuída. Ao indagarem a razão acabam por saber que foram castigados por coisas insignificantes, de que eles nem deram fé.

Recentemente foram despedidos 2 operários por reagirem contra esta forma de exploração. Aqui os encarregados procuram abusar das mulheres que sejam solteiras ou casadas. Há vários casos de mulheres castigadas com 8 dias sem trabalhar, por reagirem à perseguição dos encarregados. Se diante o trabalho os operários se riem, acontece serem multadas com 8 dias de castigo ou com a redução de

meio dia na fêria.

O patrão insulta os operários que protestam contra as irregularidades ali verificadas.

É indelicado das condições de trabalho da MULTICOLOR o facto de não ter urinóis, mas sim retretes comuns para homens e mulheres.

— Na empresa CORFI, de cordoaria, em ESPINHO, o patrão exige constantemente o aumento da produção, agitando promessas, para levar a divisação entre os operários. Há cerca de 2 anos esta empresa tinha perto de 800 operários. Presentemente anda pela casa dos 300, sendo cerca de 70 mulheres.

Recentemente as mulheres que estão a bobinar 50 bobines a hora fizeram barreira aos desejos do patrão para que a produção passasse para 70 bobines a hora. O patrão ameaçou despedir as mulheres que não fizessem no dia 13 de Março as 70 bobines. As mulheres resolveram à uma, não realizar uma tal tarefa e continuaram a produzir as 50 que vinham produzindo.

A unidade das operarias e a sua firme resolução em não cumprir as exigências do patrão deu-lhes a vitória.

Aqui temos mais uma prova de como a firmeza e a disposição de luta é a barreira que permite defrontar com sucesso o patronato, que quer continuar a aumentar os seus lucros a custa da intensificação dos processos de trabalho, dos baixos salários, dos roubos, dos castigos.